

universidade de aveiro



MARIA JOÃO SIMÕES

EÇA E FRADIQUE : INTERFERÊNCIAS

SEPARATA DA

revista da universidade de aveiro/letras

1989 - 1990 - 1991

n.ºs 6-7-8

EÇA E FRADIQUE: INTERFERÊNCIAS**

Num livro intitulado *Palomar* Italo Calvino descreve os problemas com que se defronta o Sr. Palomar no seu desejo de entender clara e precisamente a realidade que o rodeia. Numa das suas pequenas histórias intitulada "Leitura de uma onda":

O Senhor Palomar encontra-se na praia, de pé, e observa uma onda. (...) não são as "ondas" que ele pretende observar, mas uma única onda e basta: querendo evitar as sensações vagas, estabelece para cada um dos seus actos um objectivo limitado e bem definido. (...)

Mas isolar uma onda, separando-a da onda que imediatamente se lhe segue (...) e que por vezes a alcança e a arrasta consigo, é muito difícil; assim como separá-la da onda que a precede e que parece arrastá-la atrás de si em direcção à costa salvo quando depois, eventualmente se volta contra ela, como que para a deter.

Assim, para compreender como é feita uma onda, há que ter em conta (...) impulsos em direcções opostas, que em certa medida se contrabalançam e em certa medida se vão somando, produzindo uma rebentação generalizada de todos os impulsos e contra-impulsos no rotineiros alastrar da espuma. (1)

* Universidade Aberta

** Comunicação apresentada no I Encontro Internacional de Queirosianos, Fac. de Letras do Porto, Novembro, 1988.

(1) Cf., CALVINO, Italo — *Palomar*, Lisboa, Editorial Teorema, 1985 p. 11.

Uma impossibilidade algo semelhante se nos depara ao tentarmos isolar não só a personalidade e/ou subjectividade fradiquiana mas sobretudo o discurso fradiquiano — nomeadamente em relação a Eça de Queirós seu criador.

A procura de Fradique Mendes enquanto individualidade própria e o questionamento da endogenia fradiquiana, surge necessária e logicamente ao sermos confrontados nas “Memórias e Notas” que antecedem a sua correspondência com um Fradique feito de pedaços:

Deus um dia agarrou *num bocado de Henri Heine*, noutro de Chateaubriand; noutro de Brummel *em pedaços* ardentes de aventureiros da Renascença, e *em fragmentos* resseguidos de sábios do Instituto de França entornou-lhe por cima champagne e tinta de imprensa amassou tudo nas suas mãos onnipotentes, *modelou* à pressa Fradique e arrojando-o à Terra disse: Vai veste-te no Poole! (CFM., p. 54 — sublinhado nosso).

Sobre o aspecto fragmentário de Fradique já muitos autores se debruçaram, tentando encontrar os seus diversos ascendentes e as raízes caracteriológicas que identificam Fradique com esses ascendentes. A este propósito é bem elucidativo o imaginativo e invulgar ensaio de Gustavo Sequeira sobre Fradique, onde este autor afirma:

Combinação facilmente dissociável ou talvez mesmo simples mistura para os que não crêem que esta monstruosidade, criada a sopros de talento, constitua um corpo definido, Fradique denuncia logo ao primeiro contacto a sua estrutura fragmentária, feita de elementos vitais de vária proveniência. (2)

Tentando estabelecer esta vária proveniência, o autor, numa espécie de “sorcellerie évocatoire”, dá vida à figura de Fradique

(2) Cf. SEQUEIRA, Gustavo — *Fradique Mendes Símbolo dos “Vencidos da Vida”*, separata, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1942, p. 13.

fazendo-o nascer e tomar corpo do espírito e do ambiente deixados pelos auto-apelidados “Vencidos da Vida” depois de um dos seus célebres jantares no Hotel Bragança. Fradique é assim entendido como um espécie de fénix nascida dos restos e dos ecos dos “doze”:

A personalidade de Fradique é a soma numérica dos valores mentais do grupo que apeteram a Eça para a sua alquimia de pesquisador de oiro, é o feixe de todas as ideologias que entre eles se chocaram, numa camaradagem admirável, é o “cliché” fantasista e ousado dos Onze de Bragança, acrescentado pela sombra de Antero nas suas crises mentais sofridas ao contacto das realidades. (3)

Em nosso entender, é precisamente esta mistura, esta combinação ou esta soma que permite a Fradique tornar-se “outro” para além da pura soma numérica. A fragmentação fradiquiana revela sobretudo a “origem genética” dos seus “átomos de individuação”, mas estes, uma vez reunidos, conferem-lhe um estatuto individual — diferente, “outro”, “possível”.

O conceito de “átomos de individuação” é estabelecido por Hector-Neri Castañeda. Segundo este autor a distinção entre uma entidade ficcional de uma entidade real (actual) reside no facto de a reunião de “átomos de individuação” ser incompleta e “governada pelas leis escolhidas pelo ficcionista” no que toca à entidade ficcional enquanto a mesma reunião é total, completa e governada pelas leis da natureza no caso da entidade real (4).

A biografia surge, assim, na tentativa de colmatar as falhas de informação, funcionando, neste sentido, como uma actualização destes “átomos de individuação” e sendo aceite como tal pela nossa tradição cultural. Em princípio só possui uma biografia quem de facto teve uma determinada existência, tendo a biografia por missão (d)escrever essa existência. (Extraordinária percepção desta tradição

(3) *Idem*, p. 14.

(4) C. F. CASTANEDA, Hector-Neri “Fiction and reality: Their fundamental connetions. An essay on the ontology of total experience” in *Poetics*, 8, 1979, pp. 50-51.

cultural tem Fernando Pessoa quando atribui aos seus diferentes heterónimos diferentes coordenadas existenciais.)

O estudo biográfico que antecede as cartas de Fradique ganha ainda uma força maior em termos de “autoridade de autenticação”, uma vez que se trata de uma narração onde o testemunho de um “eu” é fundamental — uma narração de 1ª pessoa. Lubomir Dolezel ao estudar o problema da verdade e da autenticidade na narrativa afirma que:

(...) we are aware that the Ich-form narrator has a privileged position within the set of acting characters. This privileged position is given by the fact that in the absence of the anonymous Er-form narrator, the Ich-form narrator assumes the role of constructing the narrative world. (5)

Assim, assistimos neste estudo biográfico a uma subversão da ficcionalidade não só pelo aproveitamento das características que normalmente são atribuídas a um texto biográfico como também pela transferência metonímica do estatuto de existência individualizada de um “eu” — testemunha.

É neste sentido ainda que se revela importante o conhecimento e reconhecimento de terceiras pessoas. É o olhar do “outro” que institui o “eu” como indivíduo diferente e único. Daí a importância do recurso a testemunhos de personalidades perfeitamente identificadas e identificáveis — como Antero e Ramalho Ortigão — que se verifica no estudo biográfico que antecede as cartas de Fradique.

Mas podemos ir mais longe no questionamento da existência de Fradique.

Numa abordagem da realidade, da existência, Karl Popper, num ensaio intitulado “Indeterminism is not enough”, distingue três mundos interactivos entre si, mas com existência própria: o primeiro mundo compreende aquilo que normalmente é designado

(5) C. F. DOLEZEL, Lubomir — “Truth and Authenticity in Narrative” in *Poetics Today*, Special Issue: Narratology I: Poetics of Fiction, vol. 1, Nº 3, 1980, p. 17.

o mundo da física — as pedras, as árvores, etc.; o segundo mundo compreende o mundo psicológico; o terceiro o mundo, o mundo das produções do espírito humano (6).

Neste terceiro mundo, o autor inclui, tanto as obras de arte, como os valores éticos ou as teorias.

Para a comprovação da realidade e da existência de cada um destes mundos parte-se de uma concepção da realidade aceite pelo senso comum:

Ainsi que le montre la fameuse réponse du Dr. Johnson à Berkeley, on peut dire d'un corps physique, tel un rocher, qu'il existe parce qu'on peut lui donner des coups de pied; si l'on donne des coups de pied à un rocher suffisamment fort, on s'aperçoit qu'il peut vous les rendre. Suivant en cela Alfred Landé je propose de dire qu'un corps existe ou qu'il est réel si, et seulement si, on peut lui donner des coups pied ("Kick") et s'il peut, en principe, les rendre (...). (7)

Deste modo, qualquer coisa só é real se tiver uma interacção com o Mundo 1. No seguimento deste postulado, Karl Popper passa à comprovação da existência e da realidade dos conteúdos objectivos do pensamento, uma vez que eles interagem com o Mundo 1.

Seguindo este raciocínio, podemos questionar também a existência de Fradique e submetê-la a esta comprovação de realidade. Neste sentido, podemos verificar que Fradique interactua no Mundo 1 (através do Mundo 2), dando os seus "pontapés" que atingem sobretudo Eça de Queirós. Na verdade, é isso que se verifica quando Eça de Queirós, em carta dirigida a Emília de Resende, afirma:

As senhoras de Lisboa estão encantadas com Fradique. De facto, Fradique é um sucesso; e ocupa parte de todas as

(6) C. F. POPPER, Karl — "Indeterminism is not enough" in *Encounter*, 40 (Abril, 1973) pp. 20-26 (in Karl Popper — *L'Univers Irrésolu. Plaidoyer pour l'Indéterminisme*, Paris, Herman Éditeur des Sciences et des Arts, 1984, p. 94.

(7) *Idem*, p. 95.

conversações em Lisboa, a ponto de se ouvir esse grande nome por cafés, lojas de moda, peristilos de teatros, esquinas de ruas etc. O pior é que se crê geralmente que Fradique existiu, e é ele, não eu que recebe estas simpatias gerais. (CO, 2º vol., p. 115)

Assim, ao queixar-se do facto de Fradique Mendes lhe retirar os méritos da escrita, apercebemo-nos de que Eça de Queirós se sente atingido pela “existência” de Fradique.

Incomodado por esta interferência na sua própria existência, Eça de Queirós reage, tentando subtrair a Fradique alguns dos dividendos que ele próprio lhe concedera. É neste sentido que entendemos o facto de Eça de Queirós, ao publicar as cartas de Fradique na *Revista de Portugal*, fazer seguir a assinatura de Fradique das suas próprias iniciais, procurando, desta forma, minimizar ou atenuar a credibilidade fradiquiana e reivindicar para si, em última instância, a autoria destas cartas.

(Também mais tarde, Fernando Pessoa reagirá à “existência” dos seus heterónimos cuja interferência atinge um paroxismo tal, que chega a pôr em causa a sua própria existência.)

Dir-se-ia, assim, que Eça sofre na sua própria existência a influência da personalidade que criou. Esta influência é tão grande que atinge mesmo o seu próprio discurso. Passando agora ao plano discursivo, podemos verificar isto mesmo se atentarmos na carta que Eça dirige a Oliveira Martins, em 28 de Janeiro de 1890, onde o discurso de Eça é “atravessado” e influenciado pelo discurso de Fradique:

E esta carta é, quase sobretudo, para que me digas o que devo pensar, e, em três ou quatro traços, me dês a *real realidade das coisas*, como diz o nosso Fradique. (CO., 2º vol. p. 35).

Dir-se-ia que Eça, tendo cedido a sua voz e o seu discurso a Fradique, recebe, como num efeito de eco, a sua voz alterada e diferente. Simplesmente, não nos parece que se trate apenas de um simples efeito de ressonância, uma vez que esta expressão que Eça

utiliza é uma expressão emblemática da personalidade fradiquiiana constituindo, por assim dizer, o seu móbil existencial. (8)

Não se trata tão pouco de uma refração discursiva, tal como a teoriza Bakhtine. De facto, para este autor, o fenómeno da refração verifica-se na relação discurso-objecto, no interior da pluridiscursividade que o romance contém. Eis como Bakhtine explicita esta noção:

La représentation littéraire, "l'image" de l'objet, peut également être sous tendue par le jeu des intentions verbales, qui se rencontrent et s'entremêlent en elle; (...) Si nous nous représentons l'intention de ce discours, autrement dit, son orientation sur l'objet comme un rayon lumineux, nous expliquerons le jeu vivace et inimitable des couleurs et de la lumière dans les facettes de l'image qu'ils construisent par la refraction du "discours-rayon" non dans l'objet lui-même (...) mais dans un milieu de mots, jugements et accents "étrangers", traversé par ce rayon dirigé sur l'objet. (9)

Normalmente, o discurso que aparece refractado por entre os vários discursos, é o discurso do autor, mas também pode aparecer refractado qualquer um outro discurso — como por exemplo o discurso da "opinião pública".

Em nosso entender, não é este fenómeno que se verifica no discurso de Eça-Fradique. Neste discurso, assiste-se simplesmente a uma *difracção* da subjectividade, dado que se verificam interferências subjectivas.

Tentando explicitar a raiz desta noção, poderemos ver que ela surge na Física ligada às teorias dos "quanta", teorias essas onde se patenteia a introdução da noção de estados estacionários descontínuos.

(8) C. F. SIMÕES, Maria João — *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de Estratégias Epistolográficas*, Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1987, p. 81.

(9) C. F. BAKHTINE, Mikhail — *Esthétique et Théorie du Roman*, Paris, Gallimard, 1978, p. 101.

De facto Einstein vem provar que a luz “a une structure discontinue: elle est formée de grains d’énergie qu’on appellera (...) des “photons”” (10).

Se, desde o século XVII, se pensava que a luz era um fenómeno ondulatório, análogo à ondulação na superfície da água, agora considera-se a luz como um fluxo de corpúsculos.

Mais tarde De Broglie propõe que a estes corpúsculos se associe um comprimento de onda:

... De Broglie précise qu’en fait l’onde associée au corpuscule n’est pas une onde monochromatique. (...) mais, un paquet d’ondes dont le maximum d’amplitude se déplace avec la vitesse du corpuscule. (...) Or, il se trouve que, lorsqu’un grand nombre d’ondes superposées se déplacent à des vitesses légèrement différentes, presque partout le creux de l’une compense la crête de l’autre et les ondes s’annulent; sauf en un endroit ou les crêtes s’ajoutant les unes aux autres, il se forme un renflement (...) qui d’après les calculs de De Broglie, se déplace à la vitesse de la particule. (11)

Neste cruzamento de ondas verifica-se, portanto, uma série de interferências, as quais projectadas num espectro, formam zonas de claro-escuro numa continuidade descontínua.

Verifica-se, portanto, um fenómeno de *difracção* ou de *interferência*.

Se considerarmos, agora, e à luz de tudo o que dissemos, a “existência” (no sentido popperiano) de Fradique como um conjunto de “quanta” (noção que, pela sua especificidade, supera a noção de “átomos de individuação”), a maior parte deles advindos da existência de Eça, podemos dizer que um determinado número de elementos da subjectividade de Fradique e de Eça se sobrepõem interferencialmente, criando entre eles uma continuidade descontínua.

Assim, podemos encarar de modo diferente o porquê da não

(10) C. F. ORTOLI, Sven; PHARABOD, J-P. — *Le Cantique des Quantiques. Le Monde existe-t’il?*, Paris, Éditions de la Découverte, 1985, p. 25.

(11) *Idem*, p. 31.

diferenciação discursiva entre Eça e Fradique. De facto, não é possível descortinar (senão esporadicamente e à lupa) no discurso de Eça-Fradique zonas nitidamente ecianas ou exclusivamente fradiquianas.

Podemos falar, então e apenas, de uma difracção no sentido da intersubjectividade latente no discurso de Eça-Fradique. Dizemos latente porque não chega a manifestar-se explicitamente no discurso senão esporadicamente.

Assim sendo, o discurso das cartas de Fradique processa-se na sobreposição de um determinado número de diferenciações, ao nível dos sujeitos (Eça e Fradique), com uma não diferenciação discursiva destes mesmos sujeitos.

Esta indiscernibilidade, no entanto, não invalida que uma carta escrita por Eça, por exemplo, a Oliveira, seja diferente em termos caracteriológicos de uma carta de Fradique dirigida ao mesmo destinatário, não só porque as cartas deste último obedecem a estratégias discursivas diferentes ⁽¹²⁾, mas também porque têm origem numa perspectivação diferente da *realidade das coisas*.

Ao absorver todas as culturas de todos os povos, Fradique impõe-se como um observador diferente, impõe-se como o detentor da melhor perspetiva de análise de todo o fenómeno social, estabelecendo, assim, um jogo tão intrinsecamente dialógico com Eça, que permite aquilo que Eduardo Lourenço designa por *des-integração imaginária* de Eça de Queirós ⁽¹³⁾.

Por outro lado, apesar da sua rebeldia em relação às ideias feitas e comumente aceites — de que ele próprio dá exemplo ao afirmar “que a distância mais curta entre dois pontos [pode ser] uma *curva* vadia e delirante” (CFM, p. 103) em deferimento de uma bem conhecida lei da Geometria — Fradique “desconfia de si como pensador”, “desconfia da sua capacidade de inovação”, “desconfia de si como escritor” (CFM, p. 103). Dir-se-ia que Eça transfere para Fradique um certo questionamento do “eu” enquanto sujeito invulnerável, enquanto existência com “valor *definitivo*” (CFM, p.

⁽¹²⁾ Cf. SIMÕES, Maria João, *op. cit.*, p. 103.

⁽¹³⁾ Cf. LOURENÇO, Eduardo — *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1978, p. 100.

103) numa (apenas) aproximação da vertigem que ainda não possibilita que esse questionamento se dirija a ele próprio.

Regressando ao Sr. Palomar referido no início deste texto encontramos-lo, também, perlexo:

Agora, neste cruzamento de cristas de variada orientação, o desenho global aparece fragmentado em painéis que emergem e se desvanecem.

Será que o verdadeiro resultado a que o senhor Palomar está a chegar é o de fazer correr as ondas em sentido oposto, o de inverter o tempo, o de apreender a verdadeira substância do mundo, para lá dos hábitos sensoriais e mentais? Não, ele chega apenas até ao ponto em que se experimenta um ligeiro sentimento de vertigem, nada mais. ⁽¹⁴⁾.

SIGLAS

CFM: QUEIRÓS, Eça de — *A Correspondência de Fradique Mendes. Memórias e Notas*, Porto, Lello & Irmãos, s. d..

CO: QUEIRÓS, Eça de — *Correspondência*, Leitura, Coordenação, Prefácio e Notas de Guilherme de Castilho, 1^o e 2^o Vols., Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1983.

⁽¹⁴⁾ Cf. CALVINO, Italo, *op. cit.*, p. 15.